

Maria Antónia Gaspar Teixeira\*

Universidade do Porto - ILC

# Salamon Dembitzer – um refugiado no Porto<sup>1</sup>

## Resumo:

Este artigo tem como principal objetivo a divulgação da obra quase caída no esquecimento que é *Visum nach Amerika*, de Salamon Dembitzer. Narrativa autoficcional orientada por uma perspetiva muito crítica, ironicamente desilusionística, que entrelaça as vivências do protagonista com diversos comentários de carácter reflexivo, nela se desmonta – por vezes sarcasticamente – tudo e todos: desde os consulados, passando pelos portugueses até aos refugiados. Todavia, ultrapassando o mero «relato de factos» – definição utilizada pelo próprio autor –, *Visum nach Amerika* é também uma obra sobre a tarefa da literatura e dos escritores.

## Palavras-chave:

Dembitzer, autoficção, exílio, Porto/portugueses, refugiados, literatura

## Abstract:

The main goal of this article is to disseminate a work which has almost been forgotten: *Visum nach Amerika*, by Salamon Dembitzer. A self-fictional narrative guided by a very critical, ironically disillusionistic perspective, interweaving the protagonist's experiences with various reflexive comments, it dismantles – sometimes sarcastically – everything and everyone: the consulates, the Portuguese, the refugees. Nevertheless, going beyond the mere «account of facts» – a definition used by the author himself –, *Visum nach Amerika* is also a work about the task of literature and the writers.

## Keywords:

Dembitzer, self-fiction, exile, Porto/Portuguese, refugees, literature

Die Horns blickten aus dem Fenster und sahen, dass sie sich einer Stadt näherten, die mit ihren kleinen Häusern sehr malerisch wirkte. Sie fuhren in den Bahnhof von Porto oder Oporto ein. Es war ein Samstag, der neunundzwanzigste Juni des seltsamen Jahres 1940. Als sie den Zug verliessen, fiel ihnen ein riesiges Schild mit der Aufschrift 'Syphilis' in die Augen. Sie mussten sich durch alle möglichen Hoteldiener, Gepäckträger und Bettelungen durchkämpfen, um aus dem Bahnhof in die Stadt zu gelangen.

Das war also Porto. (*Visum nach Amerika*: 179)<sup>2</sup>

[Os Horn olharam pela janela (do comboio) e viram que se aproximavam de uma cidade com um aspeto muito pitoresco com as suas pequenas casas. Entraram na estação ferroviária do Porto ou Oporto. Era sábado, 29 de junho do estranho ano de 1940. Quando desceram do comboio deulhes na vista uma placa gigantesca com a inscrição ‘Syphilis’.

Tiveram de romper caminho através de todo o tipo de empregados de hotel, bagageiros e rapazinhos pedintes para chegar da estação à cidade.

Era isto o Porto.]<sup>3</sup>

Deste modo nos é apresentada a chegada ao Porto do protagonista Sylvian Horn e da sua namorada belga, Malvine van Gent, na obra *Visum nach Amerika. Geschichte einer Flucht* (ingl., 1952; alemão, 1974-75) [Visto para a América. História de uma fuga], de Salamon Dembitzer.

Nascido em 29 de dezembro de 1888 em Cracóvia, então parte do Império Austro-Húngaro, no seio de uma família polaca de judeus do Leste profundamente religiosa – o avô materno era um conhecido historiador –, Dembitzer personifica bem o mito do Judeu Errante: nem antes nem depois de 1933 viveu pouco mais do que uma década no mesmo local. Após uma infância passada em Lancut, cidadezinha da Galícia perto de Cracóvia, e dado não aceitar os projetos familiares que o perspetivavam como rabino, foge com 15 anos para Antuérpia, onde se inscreve na polícia como vendedor de porta em porta. Quando, em 1906, a mãe e os três meio-irmãos se instalam em Kassel, na Alemanha, o jovem Salamon regressa à casa de família. Começa então a escrever. Por intermédio de Philipp Scheidemann, que em 1918 proclamará a República Alemã e era à data redator-chefe do jornal *Kasseler Volksblatt*, publica trabalhos literários nesse jornal e, em 1908, ainda com a ajuda de Scheidemann, é lançada a sua primeira obra, um volume de poesia em ídiche – *Lebens Klängen* [Sons de vida].<sup>4</sup> Seguir-se-ão diversas estadias em Berlim, Amsterdão e Antuérpia durante a Grande Guerra.<sup>5</sup>

Em Berlim entre finais de 1919 e a tomada do poder pelos nacional-socialistas, e sempre com uma relação próxima com a tradição intelectual e ética do judaísmo de Leste, Dembitzer prossegue com a atividade literária a par da jornalística<sup>6</sup> e, lentamente, vai chamando a atenção da cena cultural alemã. Todavia, poucos dias depois do incêndio do Reichstag, quando a primeira vaga de emigrados do nacional-socialismo abandona a Alemanha – sobretudo rumo aos países limítrofes, particularmente à França –, o autor foge de novo para a Holanda (março de 1933).<sup>7</sup> Decorrido cerca de um ano, muda-se para a Bélgica, de onde se evade em maio de 1940 com a namorada, a belga Marie-Madeleine Bambust.<sup>8</sup> Sempre em fuga para o sul e sem poder salvar parte dos seus manuscritos,<sup>9</sup> Dembitzer e a companheira atravessam os Pirenéus com vistos portugueses, muito provavelmente assinados por Aristides de Sousa Mendes, e chegam ao nosso país. Depois de uma espera de cerca de meio ano passada no Porto, a zona de residência fixa onde é colocado pelas autoridades portuguesas,<sup>10</sup> é-lhe finalmente atribuído um visto do ERC [Emergency Rescue Committee] para chegar a Nova Iorque (janeiro 1941). Solitário, levando uma existência anónima e sem conseguir publicar, não lhe teria sido possível sobreviver sem o financiamento de organizações como a Hebrew Immigrant Aid Society.

Em 1947 ruma à Austrália (Sydney) onde virá a casar anos mais tarde com Hertha Weiss, funcionária da biblioteca pública e alfarrabista. O casal muda-se em 1958 para a Suíça (Lugano), onde Dembitzer, que não mais publicou, virá a falecer em 11 de outubro de 1964 (Beiküfner 2007: 153-159; Seeber 2009: 298).

Antes de passar à apresentação de *Visum nach Amerika*, que o autor dedicou ao irmão torturado e assassinado em Auschwitz, em 1942, umas breves palavras sobre a história do texto. No epílogo datado de 1948, sete anos depois de concluída a obra, lê-se sobre este texto corrido de 291 páginas com um único capítulo no final:

Dieser Tatsachenbericht wurde im Jahre 1942, unmittelbar nach den Ereignissen, aufgeschrieben und an dieser Stelle mit dem Kapitel 'Lissabon' abgebrochen. Der Bericht hätte natürlich ordnungsgemäss ergänzt und abgeschlossen werden können, denn die folgenden Tage und Wochen waren nicht minder ereignisreich, spannend und aufreibend. (...)

Der Grund, warum der Verfasser das Buch nicht vollendet hat, ist der, dass ihm heute diese entsetzliche Flucht wie eine Lust- und Vergnügungsreise erscheint, in Anbetracht dessen, was nachher den Zurückgebliebenen widerfahren ist, besonders seinen sechs Millionen Stammesgenossen. (VnA: 290)

[Este relato de factos foi escrito no ano de 1941, imediatamente a seguir aos acontecimentos, e aí interrompido com o capítulo 'Lisboa'. O relato poderia naturalmente ter sido completado e terminado de forma adequada, porque os dias e semanas que se seguiram não foram menos extenuantes, cheias de acontecimentos e emocionantes. (...)]

O motivo por que o autor não concluiu o livro é porque, hoje, esta fuga terrível lhe parece uma viagem de prazer e de recreio considerando o que depois sucedeu aos que ficaram para trás, sobretudo aos seus seis milhões de companheiros judeus.]

As duas primeiras edições, em versão inglesa da responsabilidade de E. Baker, com o título de *Visas for America. A Story of an Escape*, foram dadas à estampa em Sydney, em 1952 e 1953. É que, confiante na qualidade dos manuscritos inéditos de Dembitzer, a sua futura mulher havia fundado em 1950 a Villon Press Sydney – e note-se o recurso programático a Villon, o «vagabundo» mais conhecido da literatura europeia –, uma pequena editora para publicar as obras do autor, nomeadamente *Drama in Ostend. Psychology of a gambler* (1950), *Visas for America* e *Adventures in Prague and other stories* (1955).<sup>11</sup> O prefácio da edição em apreço, da autoria de Herbert V. Evatt, jurista e político australiano e então ex-presidente da assembleia geral das Nações Unidas, terá impulsionado a receção da obra na Austrália e na Nova Zelândia, embora, curiosamente, o maior eco se tenha verificado na Índia. O texto em alemão foi lançado sequencialmente apenas em 1974-75 no hebdomadário judaico *Israelitisches Wochenblatt für die Schweiz* (Seeber 2009: 294-295). Mesmo assim, o autor e a obra em questão continuarão a ser praticamente desconhecidos no espaço de língua alemã, e apenas em 2009 *Visum nach Amerika* será publicado em livro pela editora Weidle.

Poder-se-á afirmar que, no jogo híbrido e ambíguo que se cria entre realidade e ficção,

*Visum nach Amerika*, texto corrido de 291 páginas organizado cronologicamente, com um único capítulo final, é uma narrativa autoficcional.<sup>12</sup> É certo que não se regista uma identidade onomástica entre autor e personagem e/ou narrador. Todavia, o narrador, extradieгético na terceira pessoa, orienta-se por uma perspetiva essencialmente consonante com a do protagonista. Ambos com uma voz muito crítica, maliciosamente irónica, por vezes satírica, outras sarcástica, raiando episodicamente o *non-sense*, desmontam tudo e todos. Quem sabe se voluntariamente, a verdade é que a narrativa chega a provocar um certo mal-estar no leitor. Por seu turno, não será difícil perceber Sylvian Horn, o protagonista, como um *alter ego* do autor: ambos nascidos em Cracóvia, são judeus polacos e figuras solitárias, nómadas do ponto de vista topográfico e social, ambos colaboradores de jornais socialistas e escritores em fuga ao nacional-socialismo (*idem*: 299) com as respetivas namoradas belgas e colocados pelas autoridades portuguesas no Porto, onde ambos se hospedam na Pensão Luso-Império.<sup>13</sup> Assim sendo, esta narrativa constitui um importante documento para reconstruir a fuga de Dembitzer e a sua permanência em Portugal, quase nada tratadas nos estudos sobre a emigração; mas é também sinédoque do destino dos milhões de refugiados que, numa tensão entre terror e esperança de salvação, procuravam escapar ao nazismo, bem como pode permitir uma aproximação a todos aqueles que, em diferentes circunstâncias e momentos históricos, se veem obrigados a abandonar os seus países.

Apesar de *Visum nach Amerika* entretecer a reconstrução das vivências de Horn com episódicas reflexões e/ou comentários as mais das vezes do próprio protagonista, frequentemente em monólogo interior, o certo é que, conforme se lê no título e tal como é comum na literatura de exílio, a narrativa se centra sobretudo na luta angustiante do casal pela obtenção dos documentos necessários para abandonar a Europa rumo ao Novo Mundo. Tratava-se de uma tarefa esmagadora, porque, no que tocava à rota ibérica, o visto de saída da França pressupunha obrigatoriamente o visto de trânsito espanhol, e para entrar na Espanha exigia-se o visto de trânsito por Portugal. Por seu turno, no nosso país era forçoso apresentar o visto de entrada no país de destino, ou os bilhetes da passagem aérea ou marítima ou, na sua inexistência, a garantia de embarque das respetivas companhias, requisitos quase impossíveis de cumprir nos apertados prazos estipulados que invalidavam um documento quando por fim se obtinha o seguinte.<sup>14</sup> Arbitrariedades, indiferenças e promessas falsas por parte dos decisores não rareavam, sucedem-se cenas que parecem recordar o modelo kafkiano pela impotência das figuras que esbarram sucessivamente contra impedimentos absurdos e intransponíveis. Como comentou o escritor e jornalista Hans Natonek, também ele um refugiado do nacional-socialismo, «[m] an hat eine Völkerwanderung inszeniert und gleichzeitig die Wanderung unmöglich gemacht» (*apud idem*: 301) [encenou-se um êxodo dos povos e, simultaneamente, tornou-se impossível esse êxodo].

Se bem que pormenorizadamente descrita, dispense-me de me deter na traumática fuga dos Horn até Portugal – trata-se, no fundo, de variações sobre o habitual refrão das vozes dos refugiados na literatura de exílio. Assim, e embora a obra se estructure em torno dos acontecimentos decorridos entre 21 e 25 de junho de 1940 no sul de França e em Espanha,<sup>15</sup> deles

limito-me a recordar as angústias à porta dos consulados, mais concretamente o episódio na secção consular de Baiona, tanto mais porque, tal como o consulado de Bordéus, também se encontrava sob jurisdição de Aristides de Sousa Mendes, o diplomata hoje enaltecido mas à data sem o nome e o prestígio que a desobediência a Salazar lhe viria a trazer.<sup>16</sup> Os refugiados não sabiam quem era o cônsul (não é nomeado no texto), apenas que a sua assinatura lhes podia salvar a vida. Com a notícia a correr de que qualquer um podia obter um visto grátis para Portugal – como é sabido, Aristides emitiu-os em grande número e indiscriminadamente entre 17 e 23 de junho de 1940 –, milhares precipitaram-se para o consulado português e, durante dias, instalou-se crescentemente uma imensa confusão anárquica que, para os Horn, terminou em clave de *non-sense*: no meio da multidão, Malvine entrega os documentos de identificação do casal a um funcionário, “uma criaturinha enrugada, sem dentes, velha” [“ein verrunzeltes, zahnloses, altes Menschlein”] (VnA: 79), dizendo que precisa dos vistos dentro de dez minutos, o que acontece sem qualquer problema.

Chegados a Portugal (26 de junho 1940), e perante a terrível condição de refugiados, não é surpreendente que o olhar de Horn não se detenha com minúcia no país e na cidade que os acolhem. O Porto, área de residência fixa onde vivem cerca de meio ano – apenas conseguem uma licença de três dias para se deslocar a Lisboa –, é pouco mais do que pano de fundo para as situações e as personagens apresentadas. Mesmo assim, o protagonista e/ou o narrador não deixam de nos dar, com pontuais mas muito precisas pinceladas, um quadro topográfico, social e humano entrelaçado com uma acentuada crítica sociopolítica dos locais por onde vai passando. Assim sendo, e porque creio não ser frequente na literatura de exílio um quadro do Porto, que além do mais ocupa cerca de metade do texto, é essencialmente a estadia nesta cidade enquanto principal local de ação que tratarei.

Ao invés do quadro ambivalente, algo estereotipado de Lisboa, que nos legam vários dos exilados que por lá passaram – cidade meridional, bela e tranquila, mas também insuportavelmente quente, barulhenta, com zonas de grande pobreza<sup>17</sup> –, em *Visum nach Amerika* é uma imagem exclusivamente disfórica do Porto que logo desde início se impõe ao olhar implacável, destrutivo mesmo, do jornalista. E é de modo seco e irónico, distanciando, nomeando ruas e edifícios e descrevendo pequenos momentâneos da vida na cidade, que nos dá um quadro físico, social e humano do Porto.

Apresentando-a como “escarpada” [“zerfurcht”], com “muitas ruas íngremes e sinuosas, com casas desleixadas» [“viele Strassen waren steil und krumm, mit verwahrlosten Häusern”] (VnA: 190), o narrador não se cansa de referir que a cidade é fétida [“stinkend”] (VnA: 197, 244, *passim*), com um insuportável cheiro a azeite, a carne e a peixe podres; também o calor abrasador é estranhante e sufoca o protagonista, originando, a seu ver, uma orientalidade no ambiente e em certos costumes. Leia-se, p. ex.: “Portugal, dieses letzte europäische Land, wirkte sehr orientalisches. Eine tropische Sonne brannte erbarmungslos und verursachte Schlafheit und Faulheit, die jede Arbeitslust nahmen” (VnA: 217; cf. 244) [Portugal, este último país europeu, afigurava-se muito oriental. Um sol tropical ardia impiedosamente e causava indolência e preguiça que tiravam qualquer vontade de trabalhar].

Horn e Malvine terão uma rotina quotidiana muito semelhante à dos outros inúmeros refugiados anónimos, circulando, num exílio dentro do exílio, quase exclusivamente nesse microcosmos constituído por judeus. Uma verdadeira interação pessoal com a população nacional é escassa, quase só lidam institucionalmente com os portugueses ou quando mesmo necessário, e será raro afastarem-se do centro da cidade – ainda hoje facilmente reconhecível pelo leitor –, percorrendo-o a pé e descobrindo novas ruelas e recantos. Habitam na baixa, primeiro no quarto mais barato nas águas-furtadas da pensão Luso-Império, mais tarde na rua Fernandes Tomás, num quatinho mais do que modesto em casa da duvidosa senhora Cecília (a ela se voltará adiante). De modo a partilhar informações e boatos, reúnem-se com inúmeros outros exilados nos cafés mais centrais na Praça da Liberdade, considerada pelo narrador como “a mais nobre praça da cidade, aqui se encontravam os consulados mais importantes, as maiores firmas de exportação, os hotéis mais conhecidos; aqui eram também as duas pastelarias mais bonitas, Atheneia e Arcádia”;<sup>18</sup> agrupam-se também ao pé da principal estação do correio e no café Leão d’Ouro, ambos na praça da Batalha, ou ainda na Hicem, na rua do Almada (no texto, Armada), todos pontos de encontro dos refugiados. Vão à rua de Santa Catarina, reconhecida como uma das principais da cidade. Suportam intermináveis filas à porta dos consulados, entre eles o norte-americano na rua do Almada e o chileno (na rua [Primeiro] de Janeiro), deslocam-se à agência de viagens Abreu, também na baixa, para os formulários necessários à emigração. Mas, note-se, embora Horn saiba de antemão que o Porto é uma cidade portuária, apenas se interessa pela eventual existência de um navio que o leve para longe da Europa – mostra-se indiferente à sua vocação marítima e nunca se desloca até à orla costeira ou mesmo ao rio Douro. O local mais distante onde vão é o bairro de Guerra Junqueiro – resultado da expansão da cidade para ocidente nas primeiras décadas do século XX, quando zonas “pericentrais” (Fernandes 2015: 14) se desenvolveram e sobretudo alemães e ingleses de classe abonada aí se instalaram, tornando-a talvez já então e hoje certamente numa das zonas residenciais mais exclusivas do Porto. É assim que, tanto a caminho da casa do refugiado Gabriel, engenheiro há alguns anos residente nesse bairro, como da sinagoga,<sup>19</sup> situada na rua de Guerra Junqueiro, passam pelo Colégio Alemão<sup>20</sup> – ironicamente paredes-meias com a sinagoga e no qual a nazificação se fez sentir a partir de 1937 (Pimentel 2008: 63) – que ostenta, como o narrador não deixa de sublinhar, a bandeira nacional-socialista.

Todavia, o que perdurará ao longo da narrativa e mais orienta o olhar desilusionístico tanto de Horn como do narrador, que observam o Outro a partir dos modelos de um Eu vindo da Europa Central, enlutada pela guerra mas bem mais evoluída, é desde logo a realidade sociopolítica e cultural portuguesa, a miséria humana e social, bem como o arcaísmo vigente no Portugal patriarcal-católico no período do Estado Novo. É verdade que no trajeto de Vilar Formoso para o Porto o protagonista não fora indiferente à paz e à segurança, ao ambiente de música suave e de dança que irradiava do enclave luxuoso constituído pelo Palace Hotel da Curia, alheado da apocalipse que se vivia na Europa.<sup>21</sup> Mas, ao mesmo tempo, Horn sentira a irrealidade desse quadro que contemplava do exterior, e a contrastante pobreza extrema em torno do hotel logo se sobrepusera ao seu olhar. Não familiarizado com tal miséria, o protago-

nista descreve com ironia o quarto malcheiroso que conseguira alugar, povoado de mosquitos, pulgas e percevejos. E comparando com os anos vividos na Bélgica, onde, diz, nunca deparou com uma criança a pedir, chocam-no sobretudo as muitas crianças-pedintes, sujas e fisicamente deformadas, já notadas em Vilar Formoso e que também se amontoarão no Porto. Leia-se, p. ex., quando o casal já se encontra instalado na cidade:

Verschmutzte, barfüssige Kinder liefen umher, und als sie das fremdländische Paar erblickten, streckten sie sofort die mageren Händchen aus. (...)

So gingen die Horns mit zwei Dutzend Kindern von Strasse zu Strasse und als Horn einmal ein Geschäft betrat, warteten die Kinder geduldig draussen, bis er wiederkam. Als sie zur Praça da Liberdade zurückkamen, zählten sie bereits drei Dutzend halbnackte Begleiter, die bis zuletzt ausharrten. (VnA: 194)

[Crianças sujas, descalças, corriam por ali às voltas e quando avistavam o par estrangeiro, estendiam imediatamente as mãozinhas magras.

Assim andaram os Horn de rua em rua com duas dúzias de crianças, e quando uma vez Horn entrou numa loja, as crianças esperaram pacientemente no lado de fora até ele regressar. Quando voltaram à Praça da Liberdade, já contavam três dúzias de acompanhantes seminus que resistiam até ao fim.]

Se bem que por vezes generosos e compassivos, mas intrometidos, os portugueses, hospedeiros involuntários, são vistos como miseráveis e primitivos. O topos frequente da solicitude e da hospitalidade portuguesas não se encontra, o retrato global é dececionante. Nas ruas secundárias do Porto veem-se figuras desleixadas, andrajosas, deformadas. Jovens arduas esfarrapadas gritam os títulos dos jornais. A pensão Luso-Imperial onde os Horn primeiro se hospedam não oferece as mínimas condições.<sup>22</sup> O olhar irónico do narrador não recua perante a inversão dos valores morais e recai também sobre a prostituição feminina praticada em casa da senhora Cecília enquanto estratégia de sobrevivência.<sup>23</sup> E é pela voz de um exilado há alguns anos radicado no Porto – mais conhecedor, por isso, das singularidades da sociedade portuguesa – que o leitor sabe da retrógrada rigidez da estratificação social.<sup>24</sup> Nos cafés da Praça da Liberdade, vazios de mulheres com exceção de algumas poucas refugiadas que causavam sensação, apenas “se aglomeram animados homens pequenos e escuros, com o cabelo cuidadosamente escovado e oleado e com os sapatos a brilhar” [“(Alle Kaffeehäuser) (...) waren überfüllt von lebhaften kleinen, dunklen Männern, deren Haar sorgfältig gebürstet und geölt war und deren Schuhe glänzten”] (VnA: 191). A cidade é enfadonha, toda a intelectualidade se resume a três pessoas, sendo que duas se encontravam no estrangeiro. Os cônsules de países estrangeiros são portugueses arrivistas, ignorantes, mesquinhos e embotados, como o da Bélgica, comerciante de tintas, ou o do Chile, com uma loja de chapéus.

Interessante será notar que, contrariando de certo modo uma afirmação de Patrik von zur Mühlen (1992: 121) a situação política portuguesa não é ignorada e quer Horn, quer o narrador procuram ver para além da fachada do país. Se bem que esporadicamente, a narrativa foca

particularidades do regime repressivo do Estado Novo. Veja-se, p. ex., a reação do interlocutor de Horn ao chamamento de um prisioneiro nos calabouços da PVDE [Polícia de Vigilância e Defesa do Estado], explicando em tom muito natural que se trata de um comunista português. E, como que prosseguindo o tema, agora ridicularizado, a informação sussurrada por um dos refugiados a outro:

Die Diktatur steht hier auf schwachen Beinen... alles ist morsch und faul... noch schlimmer als in Frankreich. Das Volk ist verhungert, verlaust und furchtbar niedergedrückt. Der Internationalen Polizei ist es bekannt, dass alle unzufrieden sind; sie kann aber nicht das ganze Volk einsperren, denn dann könnte man ja nicht einmal mehr Diktatur spielen. Deshalb erlaubt sich die Polizei, von Zeit zu Zeit einige Bürger einzusperren, ohne Grund und Ursache, bloss zum Schrecken für die anderen. (VnA: 192-193)

[Aqui, a ditadura tem pernas bambas... tudo está a cair de podre... ainda pior do que na França. O povo está esfomeado, piolhoso e terrivelmente oprimido. A Polícia Internacional tem conhecimento de que todos estão insatisfeitos; mas não pode encarcerar todo o povo, porque então não se poderia sequer brincar à ditadura. Por isso, a polícia permite-se prender alguns cidadãos de vez em quando, sem qualquer motivo, só para meter medo aos outros.]

Ou lembre-se como a PVDE, sempre pronta a tratar os refugiados com notória sobrecaracterização e arbitrariedade, os informa do grande poder que tem, devendo-se estes congratular por não serem logo presos.<sup>25</sup>

Interessante será ainda notar as hostilidades dentro do regime como expressas, p. ex., pelo diretor da PVDE que considera o diretor do SPN [Secretariado da Propaganda Nacional], António Ferro (Antonio Fera no texto), “um idiota” (VnA: 225). Refira-se aliás, num aparte, que entre os muito raros portugueses a quem os Horn se dirigem em busca de auxílio se encontra o Dr. Augusto d’Esaguy (no texto, Dr. Esrogi), dirigente da Comassis.

Todavia, o que mais chamará a atenção do leitor é o olhar distanciado, por vezes frio e maldoso, que Horn, simultaneamente vítima e testemunha com um humor destrutivo, lança não só sobre os outros refugiados e as condições a que são sujeitos, mas também sobre si próprio. Apenas a fiel e paciente Malvine e o amável Stefan Bing escapam a um subtom irónico. Ela, que representa para Horn o aconchego pátrio – “wo sie ist, bin ich zu Hause” (VnA: 63) [onde ela está, eu estou em casa] –, o jornalista, que a troca de muitos cigarros, salva Malvine e outras exiladas da concupiscência dos alcoolizados gendarmes franceses.

No que diz respeito a Horn, lembre-se, p.ex., o seu prazer manifesto em desconcertar os interlocutores, todos refugiados. Confrontado com a fanfarronice comum à maior parte deles, o protagonista deprecia-se a si próprio ironicamente, não só em relação à sua produção literária dizendo-se, como à frente se verá, um escritor irrelevante, mas também quanto à sua origem e ao seu passado. Defrauda logo a intenção do refugiado Schindler que, querendo demonstrar como conhece pessoas importantes, o apresenta como tendo morado na mais elegante avenida de Bruxelas, ao que Horn acrescenta ter sido numa mansarda sem aquecimento e sem



luz, ainda pior do que a pensão do Porto. Autocaracteriza-se também como alguém que esteve repetidamente na prisão. E quando Schindler assume que terá sido por motivos políticos ou sexuais, Horn explica que uma vez foi por roubar os brincos a uma noiva.

Quanto aos outros refugiados, uns conhecidos no Porto, outros com quem já se cruzara anteriormente, na Curia (p. ex., Graschinski) ou mesmo na Bélgica (p. ex., Schindler), a mestria de Dembitzer consiste no retrato psicológico, como refere Ulrich Seelmann-Eggebert (*apud* Seeber 2009: 307). Com grande economia de meios e um olhar impiedoso, tanto o narrador como o protagonista troçam e expõem as fraquezas dos outros exilados que, entre figuras-tipo e caricaturas, se revelam ávidas de prestígio e, numa reação própria de quem tudo perdeu, empolam a importância que nunca tiveram (Hilde Spiel fala do complexo dos São Bernardos).<sup>26</sup> Começando pelos apelidos, como o da senhora Abschaum (= escumalha), cuja maior preocupação é a sua casa em Berlim que pode ser bombardeada. Ou o Dr. Seelenhändler (= negociante de almas), falso dentista empenhado em encontrar bons partidos para as filhas e que, declarando-se um grande altruísta, insiste em tirar dentes aos refugiados – só ao protagonista seriam 13 – para depois reclamar os honorários à HICEM.<sup>27</sup> Ou ainda o engenheiro Erich Korkenzieher (=saca-rolhas), de Lemberg, que se apresenta como o mais importante inventor e construtor de aviões da época, sem cujos colaboradores a França não teria sobrevivido à guerra de modo tão vitorioso (!) – e Horn lamenta não ser já jornalista de modo a poder divulgar “que por acaso se encontrava no Porto o único homem que podia acabar rapidamente com a guerra” (“dass sich in Porto zufällig der einzige Mann befand, der den Krieg schnell beenden konnte!”) (VnA: 233). Lembre-se ainda o pequeno Stoffmann, de Varsóvia, afinal um informador da PVDE encarregado de espiar os outros refugiados. Há também Schindler – que Horn considera ter uma “necessidade patológica de prestígio” [“ein (...) pathologisches Geltungsbedürfnis”] (VnA: 201) –, um fabricante de casacos de borracha de Antuérpia com a sua mulher excepcionalmente feia que ele ridiculariza em público, mas que lhe trouxera um grande dote. Sempre ansioso por conviver com figuras de destaque e pronto a espalhar as últimas notícias e boatos, afirma não ter o dom de evidenciar a sua própria importância, mas não perde oportunidade de se dizer “quase médico” (“beinahe Doktor”) (VnA: 172) e cujo cunhado, afirma, é presidente do Bronx para, pouco depois, o guindar a presidente dos Estados Unidos (!). Ou o engenheiro Gabriel, de Colónia, conhecido como Engel Gabriel (= anjo Gabriel), com alguma simpatia pelos nazis e com pretensos contactos privilegiados com as altas esferas de apoio aos emigrados, que prevê a rápida vitória dos nacional-socialistas e comenta que, caso a Inglaterra seja ocupada, então pela Alemanha e não por um país menor.

Antes de terminar, se bem que em jeito de parêntesis quanto ao tema que me propus, gostaria ainda de chamar brevemente a atenção para os pensamentos e os comentários reflexivos, quase sempre destrutivos do protagonista, p. ex., sobre a raça humana que “nasce e vive como porcos”,<sup>28</sup> ou sobre a indiferença dos Estados Unidos face à tragédia dos refugiados, que seriam mais apreciados se mortos pelos nazis porque dariam assunto aos jornais.

Destaque-se o tratamento, sempre desilusionístico, dado aos vários escritores referidos na narrativa, reais em diálogos sobre literatura (p. ex., Stefan Zweig, Paul Heyse), fictícios en-

quanto personagens (p. ex., Tovodsky, Grschinski) (Seeber 2009: 310).<sup>29</sup> Como atrás se aflo-rou, o próprio Horn apresenta-se, sempre depreciando-se a si próprio ironicamente, como “um escritor muito menor, muito inferior, cujos leitores apenas se encontram nos círculos de vendedores de hortaliça, empregadas domésticas e mulheres gordas e saciadas” (“bei mir handelt es sich um einen ganz kleinen, ganz minderwertigen Schriftsteller, dessen Leser nur in Kreisen von Gemüsehändlern, Dienstmädchen und dicken, satten Frauen zu finden sind”) (VnA: 193). Quanto às outras figuras fictícias, delineadas como caricaturas, presunçosas no dizer de Horn, todas elas se auto-estilizam (ou são estilizadas) como muito mais relevantes do que na realidade são. O grande Grschinski, que declara ter rejeitado integrar a Academia Francesa por solidariedade para com os refugiados, diz ter contactos nas altas esferas internacionais. Já o polaco Ian Tovodsky se deleita com o facto de os exilados o julgarem prémio Nobel, facto inventado e difundido pelo próprio Horn, que se diverte com a rápida difusão da notícia, com o prazer do próprio autor, que nada faz para esclarecer a confusão, e com as reacções de quantos se deixam fascinar pela presença de um tal laureado no Porto.

Mais dignos de nota me parecem, todavia, pelo alargamento semântico que conferem ao texto, que assim cresce para além do mero “relato de factos”, os comentários reflexivos sobre literatura e a sua missão, regularmente da responsabilidade do protagonista. Veja-se a sua insistência no que toca à necessidade de novas palavras adequadas ao crime que é o nazismo:

«Man müsste ein neues Wort für diese Flucht erfinden», meinte er, «denn es ist ja keine gewöhnliche Flucht. Fliehen heisst irgendwohin laufen und dort bleiben... Hier handelt es sich ja um ein ewiges, ununterbrochenen Laufen ohne Ziel... und dabei überall Hindernisse, überall Steine, und was für Steine! Jawohl, ein neues Wort, ein grosses, originelles Wort, das später Generationen noch erzittern lassen sollte, so dass sie schon bei Erwähnung dieses Wortes in die Knie fallen, sich bekreuzigen und sagen müssten: ‘Wir danken dir, heiliger Vater, daB wir damals noch nicht gelebt haben’». (VnA, 99)

[«Dever-se-ia inventar-se uma nova palavra para esta fuga», disse ele, «porque não é uma fuga habitual. Fugir significa ir para qualquer local e ficar lá... Aqui trata-se de um eterno andar sem destino, ininterrupto... E por toda a parte impedimentos, pedras por toda a parte, e que pedras! É verdade, uma palavra nova, uma palavra grande, original, que deveria ainda fazer tremer gerações de tal modo que elas teriam de cair de joelhos só com a menção dessa palavra, teriam de se benzer e de dizer: ‘Nós agradecemos-te, Pai santo, não termos ainda vivido nesses tempos’».]

Ou, já sarcasticamente – como que prevendo a evolução da literatura alemã no após-guerra, que em parte se orientou pela short-story norte-americana para colmatar o isolamento internacional que viveu durante o nazismo –, o momento em que anuncia renunciar a guiar-se pela sua consciência em prol dos gostos do público leitor (pouco exigente): “(I)ch werde mich ganz nach dem nordamerikanischen Markt richten. Was das Gewissen betrifft: Was soll ich unterwegs damit?” (VnA, 148) [Vou guiar-me inteiramente pelo mercado norte-americano. Com respeito à consciência: o que faço durante a fuga com ela?]

Lembre-se por fim, como ainda no sul de França, o protagonista divaga acerca da responsabilidade moral e política do escritor para com a sociedade:

Und du selbst? Warum hast du eigentlich Bücher geschrieben? Hast du wirklich geglaubt, dass irgendwo irgend etwas auf der Welt vorhanden sei, für das es sich lohnt, zu leiden, zu schreiben und zu toben? Du hast dich so oft gegen Stumpsinn und Heuchelei aufgelehnt, und was sagst du jetzt zu den letzten Ereignissen, was denkst du über die Franzosen, die Russen und besonders die Deutschen? Jawohl, jetzt bist du sprachlos und hast keine Worte. Nein, niemals und niemand wird jemals dafür Worte haben... in keiner Sprache... (VnA, 19)

[E tu próprio? No fundo, por que escreveste livros? Acreditaste realmente que existe em algum lugar do mundo alguma coisa pela qual valha a pena sofrer, escrever e vociferar? Insurgiste-te tantas vezes contra a estupidez e a hipocrisia, e o que dizes agora quanto aos últimos acontecimentos, o que pensas sobre os franceses, os russos e principalmente os alemães? Pois, agora estás sem fala e sem palavras. Não, nunca e ninguém terá palavras para isto... em nenhuma língua...]

Concluo, sublinhando que, pelo entrelaçamento na narrativa de reflexões e comentários, *Visum nach Amerika* vai além de um mero «relato de factos». Prenunciando criticamente a incapacidade de muitos que viveram o nacional-socialismo e não encontraram voz para o testemunhar, Dembitzer constrói um texto que, embora sem as “palavras novas, grandes, originais”, a seu ver imprescindíveis para uma reconstrução da barbárie nacional-socialista e da violência do exílio, defronta e denuncia literariamente o indizível dos crimes hitlerianos com um olhar criticamente desilusionístico que não poupa nada nem ninguém.

## NOTAS

\* Maria Antónia Gaspar Teixeira é atualmente professora auxiliar aposentada da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, onde exerceu funções docentes e se doutorou em Literatura Alemã. Membro do Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa, integra o grupo de investigação Inter/Transculturalidades, em cujo âmbito é colaboradora da enciclopédia digital *ulysses@*s e co-responsável pela base de dados *Passagen – artistas e intelectuais de língua alemã no exílio portugueses*. Para além de diversos artigos em publicações da especialidade (e.g. "Ruhe auf der Flucht de Hermann Grab: uma história de exílio" (2018)), maioritariamente na área da receção e da crítica da tradução literárias (e.g. "Zur Münchhausen-Rezeption in Portugal: eine Fallstudie" (2013)), é co-editora da obra *De passagem: artistas de língua alemã no exílio portugueses* (2018) e editora de *Cartas selectas de Werther. Traduzidas do francez* (2018), co-autora de *Do pobre B.B. em Portugal* (1998) e autora de *A receção portuguesa de Die Leiden des jungen Werthers (desde 1784 até Finais do Primeiro Romantismo)* (2009).

<sup>1</sup> Este artigo foi escrito no âmbito da investigação desenvolvida no Instituto de Literatura Comparada, Unidade I&D financiada pela FCT - Fundação para a Ciência e a Tecnologia (UIDB/00500/2020).

<sup>2</sup> De aqui em diante, a narrativa será referenciada com a sigla VnA.

<sup>3</sup> Salvo indicação em contrário, as traduções são da minha responsabilidade.

<sup>4</sup> Os últimos poemas que publica datam de 1913, o seu primeiro volume de prosa, *Aus engen Gassen* [De vielas estreitas], sairá já em 1915.

<sup>5</sup> Com o deflagrar da guerra em 1914, Dembitzer tem de deixar Antuérpia e voltar à Alemanha, nomeadamente a Berlim. Mas, logo no final do ano seguinte regressa à Holanda como correspondente de guerra do jornal social-democrata *Vorwärts* para evitar o alistamento, e aí publica diversas narrativas em neerlandês ao mesmo tempo que colabora com alguns periódicos holandeses.

<sup>6</sup> Colabora, p. ex., com o jornal berlinense *Welt am Montag* e com o vienense *Arbeiter-Zeitung*. Em 1930, funda ainda a revista de crítica social *Clique* [O grupo] e publica o seu primeiro romance, *Bummler und Bettler* [Vadios e mendigos], bem como a peça em três atos *Wohlfahrtsamt* [Serviço de beneficência].

<sup>7</sup> É na Holanda que publica *Die Geistigen* (1934) [Os intelectuais], a sua primeira obra no exílio. *Roman à clef* sobre a vida literária e cultural da República de Weimar que praticamente não teve ressonância, nele se satirizam intelectuais com posições-chave na vida literária e cultural da República de Weimar, nomeadamente Alfred Döblin (no texto Abel Dringlin), o crítico teatral Alfred Kerr (no texto Abel Krampf) e Fred Hildenbrandt (no texto Frank Kerber), redator cultural do periódico *Berliner Tageblatt* (Beiküfner 2007: 171, 175).

<sup>8</sup> A identidade da companheira de Dembitzer é-nos revelada através de uma das mais de 400 fichas dos refugiados na área de residência do Porto existentes no Museu do Holocausto dessa cidade.

<sup>9</sup> Segundo Seeber, o espólio de Dembitzer, que integra, entre outros trabalhos, poemas, narrativas, romances e ensaios, encontra-se em Nova Iorque, no Leo Beck Institute (Seeber 2009: 296).

<sup>10</sup> Quanto às áreas de residência fixa, cf., p. ex., Pimentel (2006), bem como Teixeira (2020).

<sup>11</sup> O primeiro projeto editorial, anunciado em abril de 1950 no jornal nova iorquino *Aufbau*, era mais ambicioso, não se limitava à obra de Dembitzer. No entanto, a publicação de "unusual books" como, p. ex., uma seleção de novelas de Tschekow -, não parece ter-se realizado (Seeber 2009: 296-297).

<sup>12</sup> Lembre-se o conceito de autoficção cunhado por Doubrovsky, em 1977, para definir os textos que rompem simultaneamente com os convencionais pactos ficcional e autobiográfico.

<sup>13</sup> No Museu do Holocausto do Porto, as duas fichas referentes a Salamon Dembitzer e Marie-Madeleine Bambust indicam, entre outras muito sucintas informações, o local onde o casal se hospedou.

<sup>14</sup> Sobre os obstáculos por vezes intransponíveis enfrentados pelos fugitivos na rota de fuga que era a ibérica, vejam-se os estudos já canónicos de Irene Flunser Pimentel (2006), Patrik von zur Mühlen (2012) e Ansgar Schaefer (2014).

<sup>15</sup> Exemplos serão a errância de Horn e de Malvine entre Biarritz e Baiona, a terrível noite tempestuosa na estação ferroviária de Hendaia, as malogradas fugas de barco (de Baiona para Portugal, de Saint-Jean-de Luz para Inglaterra), o terror de ser capturado pelas forças de Hitler - sempre sarcasticamente designado como Schicklgruber - durante a travessia de comboio da Espanha franquista.

<sup>16</sup> A célebre recusa do cônsul português em cumprir a circular n.º 14, com regras muito restritivas relativamente à concessão de vistos, traduziu-se na exoneração da carreira diplomática de Aristides de Sousa Mendes (p. ex., zur Mühlen 2012: 232).

<sup>17</sup> Quanto à imagem ambivalente de Lisboa, veja-se, p. ex., *Schicksalsreise* (1996), de Alfred Döblin, ou *Reise ohne Uhrzeit*, de Karl O. Paetel (1982).

<sup>18</sup> No original: "Es war der nobelste Platz dieser Stadt, hier befanden sich die wichtigsten Konsulate, die grössten Exportfirmen, die bekanntesten Hotels; hier waren auch die zwei schönsten Konditoreien, Atheneia und Arcadia" (VnA: 191).

<sup>19</sup> A sinagoga do Porto – Kadoorie Mekor Haim –, a maior da Península Ibérica e sede da comunidade judaica da cidade, foi fundada pelo militar de carreira Artur Carlos Barros Basto e inaugurada em 1938. Convertido ao judaísmo, conotado com a oposição ao Estado Novo e, por isso, afastado do exército, Barros Basto ajudou centenas de judeus a fugir ao Holocausto e a reconstruir a sua vida no Porto (Teixeira 2020).

<sup>20</sup> Fundado em 1901 na sequência da escola von Hafe Schule, o Colégio Alemão do Porto, então sediado na rua da Restauração, teve um percurso acidentado fruto das duas guerras do século XX. Suspenso no decurso da Grande Guerra, retoma o normal funcionamento em 1922, na Foz do Douro. Já com edifício próprio em 1932, na rua de Guerra Junqueiro, teve de encerrar novamente as portas no final da Segunda Guerra. (Fernandes 2015: 48-50).

<sup>21</sup> Com uma orquestra própria, o Palace da Curia tinha um vasto programa social, com concertos, bailes, rallies, competições de polo aquático, passagens de modelos (Teixeira 2020).

<sup>22</sup> Note-se que o quatinho é espartano, escuro e abafado, e "na pensão só havia uma única banheira que não fora utilizada há anos" ["In der Pension gab es nur eine einzige Badewanne, die seit Jahren nicht benützt worden war"] (VnA: 180); apenas depois de vencer as resistências dos donos e apelar ao seu desejo de lucro fácil – comum a outros portugueses – Horn consegue ultrapassar as hesitações e o aborrecimento do dono quanto ao desejado banho.

<sup>23</sup> Quando hospedados na casa da senhora Cecília – uma beldade já madura que trabalha dia e noite num laboratório químico mas quase não consegue pagar o aluguer da habitação –, os Horn apercebem-se, ironiza o narrador, que a música alta até de madrugada é afinal no seu próprio interesse, para lhes desviar a atenção das visitas masculinas noturnas.

<sup>24</sup> O engenheiro Gabriel narra que um português seu conhecido, de origem humilde mas recentemente enriquecido, se casou com a cozinheira, mas proibiu-a terminantemente de usar o ambicionado chapéu por continuar a ser de baixa condição.

<sup>25</sup> Outro exemplo será a permissão dada pelo temido diretor da PVDE, apreciador do género feminino, a uma jovem francesa, muito maquilhada, para se deslocar a Lisboa, enquanto a nega sem qualquer justificação a todos os outros que tinham o mesmo objetivo.

<sup>26</sup> Segundo Hilde Spiel, dizia-se que esses refugiados se apresentavam como São Bernardos, enquanto na realidade não passavam de meros cães Basset (Spiel 1976: 37).

<sup>27</sup> A HICEM foi uma organização resultante da fusão de três outras associações judaicas nos finais dos anos 20. Objetivo era auxiliar a emigração dos judeus europeus. Com a ocupação nacional-socialista da "zona livre" da França, sediou-se em Lisboa e aí aconselhou e ajudou os refugiados nos muito diversos preparativos para abandonarem o Velho Continente.

<sup>28</sup> No original: "Im Grunde sind wir doch wirklich nur als Schweine geboren und leben als Schweine weiter" (VnA: 238-239).

<sup>29</sup> Seeber informa existir no espólio de Salomon Dembitzer um livro de apontamentos, ao qual não me foi possível aceder, onde se identificam diversas figuras com o seu nome verdadeiro (Seeber 2009: 312-313).

<sup>30</sup> Graszinski vangloria-se, p. ex., de ter pedido ao seu amigo Roosevelt o envio de quatro navios de grande calado para transporte dos exilados.

## Bibliografia

- Beiküfner, Uta (2007), "Nachwort", in Salamon Dembitzer, *Die Geistigen*. Weidle Verlag, Bonn: 153-186.
- Dembitzer, Salamon (2009), *Visum nach Amerika. Geschichte einer Flucht*. Weidle Verlag, Bonn. [VnA]
- Döblin, Alfred (1996), *Schicksalsreise. Bericht und Bekenntnis*. München, Deutscher Taschenbuch Verlag.
- Fernandes, Andreia Ramos (2015), *O bairro Guerra Junqueiro na cidade do Porto (1892-1962). Leitura histórica do espaço e mediação patrimonial*. Dissertação de mestrado, Faculdade de Letras da Universidade do Porto.
- Paetel, Karl O. (1982), *Reise ohne Uhrzeit. Autobiographie*. London, The world of books limited/ Worms, Verlag Georg Heinz.
- Pimentel, Irene Flunser (2008), *Judeus em Portugal durante a II Guerra Mundial. Em Fuga de Hitler e do Holocausto*. Lisboa, A Esfera dos Livros.
- Schaefer, Ansgar (2014), *Portugal e os refugiados judeus provenientes do território alemão (1933-1940)*. Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Seeber, Ursula (2009), "Nachwort", in Salamon Dembitzer, *Visum nach Amerika. Geschichte einer Flucht*. Weidle Verlag, Bonn: 293-314.
- Spiel, Hilde (1976), "Psychologie des Exils", in H.S., *Kleine Schritte. Berichte und Geschichten*. München, Ellermann: 27-47.
- Teixeira, Maria Antónia Gaspar (2020), "Zonas de residência fixa", *Passagen*, <https://passagen.ilcml.com/base/zonas-de-residencia-fixa>.
- Zur Mühlen, Patrik von (1992), *Fluchtweg Spanien-Portugal. Die deutsche Emigration und der Exodus aus Europa 1933-1945*. Bonn, Dietz.